



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15878 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
ISSN: 2595-7945  
GT 12 - Currículo

A PRODUÇÃO DO SUJEITO NEGRO NA REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS  
Lívia da Silva Queiroz - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

#### A PRODUÇÃO DO “SUJEITO NEGRO” NA REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS

Neste trabalho objetivo compreender os modos pelos quais o currículo de Ciências dos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) produz verdades sobre o “sujeito negro”. Analiso edições da revista *Ciência Hoje das Crianças* (CHC), de 2003 a 2023, posto que essa materialidade é comumente mobilizada em aulas de Ciências desse segmento (ALMEIDA, 2018). O recorte temporal considera o marco de vinte anos da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), tornando obrigatório o ensino da história da cultura afro-brasileira e africana e, por conseguinte, tensionando o currículo do EF.

Situando-me no campo do Currículo, opero com as contribuições teórico-metodológicas de Thomas Popkewitz (2001, 2010), pressupondo que a categoria raça, a pedagogia, as ciências de referência e os demais elementos misturados na produção alquímica das disciplinas possuem o poder de produzir verdades que regulam a vida social. Logo, “aquilo que está inscrito no currículo não é apenas informação – a organização do conhecimento corporifica formas particulares de agir, sentir, falar e ‘ver’ o mundo e o ‘eu’” (ibid., 2001, p. 174).

Portanto, considero que o currículo é interpelado pela operacionalização do dispositivo de racialidade. Assim, este artefato promove processos de assujeitamento e participa da produção do “sujeito negro” – entre aspas, uma vez que o dispositivo promove um essencialismo do negro que esvazia a sua condição de sujeito (CARNEIRO, 2023).

Optei por explorar a CHC como um *corpus* empírico, pois essa revista detém o poder

de produzir e distribuir conhecimentos tidos como verdadeiros, constituindo padrões discursivos que produzem os sujeitos racializados (POPKEWITZ, 2001). Analisei as capas das publicações CHC dos últimos vinte anos e selecionei um total de 26 edições. Aqui, trato das edições que, com maior incidência, põem em circulação enunciados arrolados à ideia de origem tendo como critério os traços fenotípicos (Figura 1).

**Figura 1:** Edições CHC que indiciam a “origem” do segmento negro

IDENTIFICAÇÃO, EDIÇÃO CHC, MÊS E ANO
(CHC1) Edição 194: “Especial Darwin: 150 anos da teoria da evolução das espécies”, setembro de 2008.
(CHC2) Edição 240: “Quilombos e quilombolas do Brasil”, novembro de 2012.
(CHC3) Edição 259: “Gorilas, elefantes, leões e outros bichos curiosos da África”, agosto de 2014.
(CHC4) Edição 288: “Especial História do Brasil”, abril de 2017.
(CHC5) Edição 293: “Ciência é para todos!”, novembro de 2018.
(CHC6) Edição 225: “Cadê a melanina?”, setembro de 2021.
(CHC7) Edição 327: “Colorismo, você sabe o que é?”, novembro/dezembro de 2021.
(CHC8) Edição 328: “Viemos ou não dos macacos?”, dezembro de 2021.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Concernente à circunscrição da origem do negro, percebo o modo como esse aspecto é denotado nos enunciados atrelados às cores de pele. A partir da exploração do conceito de melanina, emergem enunciados que atribuem ineficiência à cor da pele para designar a origem das pessoas, pois “[...] depois de tantos encontros que ocorreram e continuam a ocorrer entre indivíduos de diferentes populações, é cada vez mais difícil apontar a origem da pessoa pela cor da sua pele” (CHC2, 2012, p. 12). Em adendo, é verificada a menção de conhecimentos evolutivos para elucidar que as diferentes etnias e tons de pele não implicam no aparecimento de novas espécies (CHC1).

**Figura 2:** Seção sobre as cores de pele, CHC2, 2012, p. 12

# Por que as pessoas têm cores diferentes?



**A** resposta está na melanina. Já ouviu falar nela? Permita-me, então, apresentá-la! A melanina é uma proteína presente em camadas profundas da nossa pele. Quanto mais melanina uma pessoa tem, mais escura é a sua pele; quanto menos melanina, mais clara a pele.

Saiba, também, que o Sol ativa a produção de melanina, fazendo a pele escurecer. O bronzeado, portanto, é uma resposta de defesa do organismo, porque a pele mais escura resiste mais às agressões provocadas pela radiação solar. Essa resposta, porém, passa quando cessa o estímulo do Sol. Pessoas que têm pouca melanina não conseguem uma boa resposta do organismo e a pele, em vez de escurecer, pode sofrer com queimaduras.

Se esse efeito do Sol sobre a pele faz você pensar que os povos nativos dos locais mais frios têm a pele mais clara por conta da baixa incidência solar, enquanto os nativos de lugares mais quentes têm a pele mais escura porque são de uma região onde o Sol brilha com mais intensidade, acertou em cheio!

Mas, entenda bem: o tom de pele característico de determinadas populações é resultado de milhares e milhares de anos de evolução.

Em outras palavras, essa diferenciação na cor da pele começou a ocorrer em um passado muito, muito distante, no começo da ocupação dos continentes pela espécie humana. E como para sobreviver é preciso estar adaptado às condições do ambiente, as pessoas de pele clara se adaptaram bem às regiões de clima frio. Nos lugares mais quentes, os mais adaptados foram os de pele mais escura, que foram passando essa característica aos seus descendentes.

Nos dias de hoje, depois de tantos encontros que ocorreram e continuam a ocorrer entre indivíduos de diferentes populações, é cada vez mais difícil apontar a origem da pessoa pela cor da sua pele. Você não acha?

**Celso Teixeira Mendes Junior,**  
Departamento de Química,  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras  
de Ribeirão Preto,  
Universidade de São Paulo.  
**Fernanda Turino,**  
Instituto Ciência Hoje/RJ.

Ilustração: Joca

**Fonte:** Periódicos da CAPES e do ICH. Disponível em: <https://cienciahoje.periodicos.capes.gov.br/revista-chc>. Acesso em: 05 abr. 2024.

Contudo, mais que um demarcador da presença ou ausência da melanina, os tons de pele emergem como fator que indica o “quanto mais negras” as pessoas são. Esse aspecto é observado em uma abordagem sobre o colorismo, em que é inferido “[...] que as oportunidades são maiores para quem tem menos melanina (pigmento que dá cor a pele) – e também menos aparência de uma origem negra” (CHC7, 2021).

Portanto, a variedade de tons de pele é balizadora na construção do segmento negro. A CHC7 apresenta uma ilustração de negros de tons diversos (Figura 3), construindo uma ideia de diversidade que fixa sentidos em relação à identidade negra, notados nas vestimentas coloridas e tipos de cabelos. Esses enunciados também circulam quando se trata das mulheres negras. Sobre estas, é afirmado que usavam “[...] turbantes coloridos e roupas que revelavam origem africana” (CHC8, 2021).

**Figura 3:** Ilustração sobre colorismo, CHC7, 2021



**Fonte:** Revista CHC. Disponível em: <https://chc.org.br/artigo/colorismo-voce-sabe-o-que-e/> Acesso em: 10 mai. 2024.

Os enunciados que se referem aos tipos de cabelo integram esse padrão discursivo. Nesse arquétipo, a CHC5 apresenta versos rimados acompanhados de ilustrações de uma menina negra, que possui o cabelo “enroladinho, crespinho”, “igual ao da menina africana”, e a CHC7 sugere um filme protagonizado por uma menina negra que vive conflitos com o seu cabelo crespo.

Se, por um lado, é difícil “apontar a origem da pessoa pela cor da sua pele” (CHC2, 2012, p. 12), por outro, é afirmado que os tons de pele permanecem indicando “afrodescendência”. Assim, os traços da negritude participam da produção do “sujeito negro”, delineando aspectos identitários e originários de quem ocupa o espaço de diferença. Essa dinâmica se dá em interação com o dispositivo de racialidade, posto que ele, “[...] ao demarcar a humanidade como sinônimo de brancura, irá redefinir as demais dimensões humanas e hierarquizá-las de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão” (CARNEIRO, 2023, p. 31-32). Concluindo, a alquimia que produz o currículo de Ciências mistura enunciados biológicos, dos traços fenotípicos, com conceitos forjados nas Ciências Humanas e, juntos, como efeitos de poder, situam o negro em um espaço discursivo de diferença (POPKEWITZ, 2001, 2010) e demarcam que a origem se define pela raça.

Palavras-chave: Currículo, Anos Iniciais, Questões Étnico-Raciais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A. Cenas de leitura da Ciência Hoje das Crianças: modos de uso e apropriação da revista em sala de aula. *Educação em Revista*, n. 34, 2018.

CARNEIRO, S. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. São Paulo: Editora Zahar, 2023.

POPKEWITZ, T. S. Curriculum history, schooling and the history of the present. *History of Education*, v. 40, n. 1, jan., p. 1-19, 2010.

POPKEWITZ, T. S. *Lutando em defesa da alma: a política do ensino e a construção do professor*. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda., 2001.